

**OLHARES DE RESISTÊNCIA E DENÚNCIA EM UANHENGA XITU,
PEPETELA E ONDJAKI¹**

**RESISTANCE AND DENUNCIATION IN UANHENGA XITU, PEPETELA AND
ONDJAKI**

Orquídea Ribeiro²

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Fernando Moreira³

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

RESUMO: Este artigo pretende apresentar leituras de resistência e denúncia ao/no poder instituído, tendo por base narrativas contemporâneas de escritores angolanos. A corrupção, o tráfico de influências e o abuso de poder tornaram-se comuns em novos estados de África e a ficção tem sido um meio privilegiado para refletir sobre questões fraturantes que criam cicatrizes profundas nas sociedades contemporâneas. Pretende-se, assim, analisar os olhares de resistência e de denúncia de Uanhenga Xitu, Pepetela e Ondjaki sobre a sociedade e poder político em Angola.

¹ Este trabalho é financiado por fundos nacionais (PT) através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00736/2020 (financiamento base) e UIDP/00736/2020 (financiamento programático).

² Doutora em Ciências Humanas e Sociais – Cultura, é professora associada com agregação (em Ciências da Cultura) na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Tem publicado na área das Ciências da Cultura/Estudos Culturais, nomeadamente na área das culturas pós-coloniais de língua portuguesa e de estudos afro-americanos. Integra as direções dos cursos de Doutoramento e de Mestrado em Ciências da Cultura da UTAD. É investigador integrado no Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho e investigador associado do Centro de Estudos em Letras (UTAD).

³ Doutor em Cultura Portuguesa, orienta as suas pesquisas no âmbito das Ciências da Cultura, sendo diretor do doutoramento e vice-diretor do mestrado em Ciências da Cultura da UTAD; autor e editor de vários livros, tem apresentado comunicações em eventos científicos nacionais e internacionais e publicado artigos em revistas nacionais e internacionais a par da orientação de teses de doutoramento e dissertações mestrado. Investigador do CECS, (UMinho, linha de investigação Estudos Culturais), é professor catedrático de Cultura Portuguesa na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

PALAVRAS-CHAVE: Angola, corrupção, resistência, poder político, denúncia

ABSTRACT: This article aims to present readings of resistance and denunciation to/of the established power based on contemporary narratives by Angolan writers. Corruption, influence peddling and abuse of power have become commonplace in new states in Africa and fiction has been a privileged medium to address the subject and to reflect on fracturing issues that create deep scars in contemporary societies. The aim is, thus, to analyse resistance and denunciation of Uanhenga Xitu, Pepetela and Ondjaki through readings of society and power in Angola.

KEYWORDS: Angola, corruption, resistance, political power, denunciation

1. Introdução

A corrupção, o tráfico de influências e o abuso de poder tornaram-se comuns em novos estados democráticos de África e as narrativas textuais, nomeadamente romances, têm sido um meio privilegiado para abordar e levar a refletir sobre questões fraturantes que criam cicatrizes profundas. Há escritores que produziram narrativas que combatem o silêncio imposto por classes dirigentes prepotentes em relação às práticas referidas, recuperando a escrita como uma forma de intervenção política. Disso são exemplo Uanhenga Xitu, Pepetela e Ondjaki cujas obras configuram leituras da realidade política e social em Angola apresentando os seus olhares de resistência, nomeadamente em *O Ministro* (1990), *O desejo de Kianda* (1995), *Sua Excelência, de corpo presente* (2018) e *Os Transparentes* (2012), narrativas cuja ação se situa no período mais recente da história contemporânea angolana.

Os recentes episódios, nos últimos três anos, sobre a queda/redução do império da “mulher mais rica da África”, Isabel dos Santos, filha do antigo presidente angolano (1979- 2017), José Eduardo dos Santos (1942-2022), e a forma muito mediatizada como terá adquirido essa riqueza, são apenas alguns exemplos para a escrita da longa saga de corrupção e governação oligárquica em Angola, país de origem dos autores cujas obras serão analisadas nesta reflexão sobre (denúncia de) corrupção e resistência.

A situação da filha do ex-presidente de Angola, Isabel dos Santos, e da sua família é referenciada como exemplo de corrupção e abuso de poder de uma classe política, que sempre tem gozado de impunidade, e espelho de uma realidade peculiar do exercício da governança, conforme constata Frade:

Em África, o Estado está ao serviço da classe dominante e esta assegura o seu poder através de relações verticais de clientelismo. O clientelismo altera a lógica de ação do Estado. Não se procura a decisão mais racional, mais justa, mas aquela que melhor promove os interesses pessoais. A lógica é viver da política e não para a política. (Frade, 2007, p. 26)

A corrupção política, económica ou social afeta não só o continente africano, como o resto do mundo, atacando os alicerces da democracia e de uma verdadeira cidadania, tais como a igualdade, integridade, transparência, liberdade, entre outros direitos fundamentais, e perturba o normal funcionamento desses países onde se registam “detenções arbitrárias, raptos, violência física e psicológica, e vigilância constante” (Fonseca, 2017, p. 371)⁴.

⁴ Veja-se, como exemplo, o caso dos apelidados 15+2, um grupo de ativistas angolanos presos em Luanda, em 2015, quando estavam reunidos a discutir um livro sobre métodos pacíficos de protesto. Ver exemplo relatado nos media: “Angola: Um ano de ‘opressão’ para os ‘presos políticos’ de Borralho Ndomba, publicado no *DW* a 10/01/2023.

Para responder ao título proposto “Olhares de resistência e denúncia em Pepetela, Ondjaki e Uanhenga Xitu”, foram identificadas as obras dos autores referidos que melhor retratam a temática proposta, conciliando a história com a ficção, usando a palavra como arma de resistência e denúncia de corrupção, questionando o regime, com reflexões implícitas ou explícitas sobre os abusos da classe dirigente e da elite angolana no pós-independência.

Trata-se de escritores de três gerações diferentes, pré e pós-independência de Angola, - Uanhenga Xitu⁵, Pepetela⁶ e Ondjaki⁷ – que expressam a morte da ilusão, o fim dos princípios revolucionários, as práticas ditatoriais, uma cidade de Luanda envolta em corrupção e a desesperança em narrativas em que a ficção e a história se confundem, numa sociedade em mutação, ainda que a ritmo lento, com recuos e avanços, em que é patente a fragmentação provocada pelo “Eu” (e já não pelo “Outro”). Pretende-se, a partir das obras dos três autores angolanos, analisar a escrita como uma forma de resistência ao poder instituído e de denúncia para dar voz aos que estão (ou são) silenciados.

1. Método e Investigação

O processo de escrita deste trabalho teve início com a leitura de obras dos três autores referenciados. O critério preferencial de inclusão centrou-se na identificação de narrativas que apresentam uma subtil (ou não) crítica social e política da realidade angolana das últimas três décadas. Usando a análise de conteúdo temático para identificar olhares de resistência e denúncia de corrupção, abuso de poder, violência contra civis e crítica social e política, identificaram-se quatro narrativas consideradas como as mais adequadas para a reflexão em torno da importância da escrita ficcional como lugar de partilha de resistência e denúncia (direta e indireta) no caso de Angola.

Para enquadrar a temática deste trabalho, foram identificados textos (de Tocqueville 2000 [1835]; Amundsen 1999; UN 2003; Fonseca 2017), os relatórios da Transparency International sobre os indicadores da perceção de corrupção e os dados recolhidos e disponibilizados pela

⁵ Uanhenga Xitu (Agostinho André Mendes de Carvalho), 1924-2014, enfermeiro, preso no Tarrafal (Cabo Verde), Membro do Conselho da Revolução, Comissário (Governador) da Província de Luanda, Ministro da Saúde de Angola, Embaixador de Angola na República Democrática Alemã, Deputado à Assembleia Nacional pela Bancada do MPLA, e membro do Comité Central do MPLA até 1998. Autor de várias obras de que se destacam *Os Sobreviventes da Máquina Colonial Depõem* (1980), *Os Discursos de Mestre Tamoda* (1984) e *O Ministro* (1989).

⁶ Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos), (1941-), escritor angolano contemporâneo com uma vasta obra, destacando-se a que reflete sobre a história contemporânea de Angola, e os problemas que a sociedade angolana enfrenta como *O Desejo de Kianda* (1995), *Se o Passado Não Tivesse Asas* (2016) e *Sua Excelência de Corpo Presente* (2018).

⁷ Ondjaki (Ndalú de Almeida), nascido em 1977, é um escritor e poeta angolano contemporâneo; destaca-se *Os Transparentes* (2012).

Freedom House sobre Angola, que permitissem entender o significado e impacto da corrupção e abuso de poder, assuntos que despertaram a necessidade de Uanhenga Xitu, Pepetela e Ondjaki de recorrerem à escrita como um espaço para resistir e denunciar atos e procedimentos de um sistema totalitário dominador que se autointitula de democrático.

Através da leitura das obras e análise de excertos selecionados, pretende-se identificar como as narrativas ficcionais podem funcionar como instrumentos de crítica social, resistência e denúncia de corrupção e de múltiplas infrações cometidas pelo poder instituído em Angola.

2. Leituras de denúncia

Recorre-se a Alexis de Tocqueville e à sua obra emblemática *Democracy in America*, publicada em 1835, para introduzir as consequências de uma “democracia desgovernada” em que as diferenças sociais e económicas evidenciam os sinais de corrupção denunciados nas obras aqui em análise, transpondo as leituras de democracia do autor para a inexistência desta em Angola, no pós-independência:

Democracy has therefore been abandoned to its savage instincts; it has grown up like those children who, deprived of paternal care, rear themselves in the streets of our towns and know only society's vices and miseries. [...] Thus we have democracy without anything to attenuate its vices and make its natural advantages emerge; and while we already see the evils it brings, we are still ignorant of the goods it can bestow. (de Tocqueville, 2000, [1835], pp. 82-83)

De Tocqueville menciona também que “those who are elected will remain subject to envy and personal distrust. Every instance of petty corruption in which they might indulge will exacerbate ill will toward themselves and other elected officials” (de Tocqueville, 2000, [1835], pp. 82-83), ainda que haja uma “profound corruption that is ordinarily mixed with ignorance and rudeness” (de Tocqueville, 2000, [1835], p. 94). A corrupção (provada) poderá levar à destituição (impeachment) dos governantes (de Tocqueville, 2000, [1835], p. 159). O autor de *Democracy in America* alerta para o facto de que “Intrigue and corruption are vices natural to elective governments. But when the head of state can be reelected, the vices spread indefinitely and compromise the very existence of the country” (de Tocqueville, 2000, [1835], p. 178).

A propósito da democracia, escreve Jorge Gonçalves, numa crónica da RDP África, publicada em 2014: “A Democracia é um regime político em que prevalecem as liberdades individuais, os direitos de cidadania, a responsabilidade política e o respeito pela lei. Se este quadro de valores não estiver presente, não há democracia” (2017, p. 13).

Refletindo sobre a possibilidade de encontro entre João Lourenço, atual presidente de Angola, ativistas e líderes de organizações da sociedade civil e não-governamentais angolanas,

Ondjaki lembrou que o partido Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) tem “problemas graves, nomeadamente no campo da corrupção, no campo da má governação e dos direitos humanos”, situação que o atual ocupante do palácio do Futungo de Belas parece querer reparar (Lusa, 2018) num esforço de recuperação de alguma democracia e da confiança no país.

Também Pepetela já se tinha manifestado, anos antes, ao afirmar que o desencanto com o rumo da situação política o levou a usar a escrita como olhar crítico para refletir sobre valores esquecidos: “Ao sentir a desilusão que se seguiu às eleições – que todos esperávamos democráticas – tive a ideia de colocar tudo isso num livro [...]. Escrevi *O desejo de Kianda* com muita raiva, com muita revolta e talvez por isso seja um dos meus livros mais violentos” (Pepetela, 2003, pp. 364-365).

Após a independência de Angola, vários escritores como Luandino Vieira,⁸ Uanhenga Xitu e Pepetela ocuparam lugares de destaque ligados ao governo dirigido pelo MPLA, o que não impediu a produção literária dos dois últimos de analisar a situação sociopolítica do país com algum sentido crítico e ironia.

A corrupção, o tráfico de influências e o abuso de poder tornaram-se comuns em novos estados de África, incluindo Angola, país que está há décadas associado a uma gestão duvidosa por parte dos governantes. O estado é moldado segundo os interesses dos detentores do poder e o nepotismo tornou-se rotina.

No Preâmbulo da “Convenção das Nações Unidas contra a Corrupção” (2003) são apresentadas as razões para a existência da Convenção que objetivam “promover e reforçar as medidas que visam prevenir e combater de forma mais eficaz a corrupção” (DR, 2007, artº 1, alínea a), destacando-se a preocupação com os casos de corrupção que envolvem quantidades consideráveis de ativos, podendo representar uma parte substancial dos recursos dos Estados, e ameaçam a estabilidade política e o desenvolvimento sustentável desses Estados [...] [alertando que] a aquisição ilícita de riqueza pessoal “pode ser particularmente prejudicial para as instituições democráticas, as economias nacionais e o Estado de direito”, reforçando a ideia de que “a prevenção e a eliminação da corrupção é da responsabilidade de todos os Estados” (DR, 2007, Preâmbulo). Angola assinou esta Convenção em 2003 e ratificou-a em 2006.

Em “Political Corruption: An Introduction to the Issues” (1999), Inge Amundsen considera que “Corruption is a disease, a cancer that eats into the cultural, political and economic fabric

⁸ Escritor Angolano, vencedor do Prémio Camões, autor de múltiplas obras, das quais se destaca *Luuanda* (1963), obra constituída por três contos que foi destruída pela censura. Luandino é um exemplo da escrita como resistência. Foi Diretor da Televisão Popular de Angola (1975-1978), diretor do Instituto Angolano de Cinema (1979-1984) e cofundador e secretário-geral da União dos Escritores Angolanos.

of society, and destroys the functioning of vital organs [...] [and] is found almost everywhere” (Amundsen, 1999, p. 1). A autora esclarece que a corrupção tem sido alvo de vários estudos que apresentam múltiplas explicações:

Corruption is in itself a many-faceted phenomenon and the concept of corruption contains too many connotations to be analytically functional without a closer definition. The forms of corruption are diverse in terms of who are the actors, initiators and profiteers, how it is done, and to what extent it is practised. Also the causes and the consequences of corruption are complex and diverse, and have been sought in both individual ethics and civic cultures, in history and tradition, in the economic system, in the institutional arrangements, and in the political system. (Amundsen, 1999, p. 1)

Para Amundsen, o estado tem um papel decisivo na relação (pervertida) estado-sociedade que está refletido nas múltiplas definições de corrupção:

Corruption is conventionally understood, and referred to, as the private wealth-seeking behaviour of someone who represents the state and the public authority, or as the misuse of public goods by public officials for private ends. The working definition of the World Bank is that corruption is *the abuse of public power for private benefit*. (Amundsen, 1999, p. 2)

Em 2011, o “Overview of corruption and anti-corruption in Angola,” da autoria de Marie Chêne da Transparency International⁹, apresenta o seguinte resumo da visão geral da corrupção em Angola:

Emerging from nearly three decades of conflict and instability, Angola continues to face major challenges of weak governance and widespread corruption at all levels of society. Corruption manifests itself through various forms, including bureaucratic, political and grand corruption, embezzlement of public resources, systematic looting of state assets, and a deeply entrenched patronage system that operates outside state channels. (Chêne, 2001, p. 1)

Esta síntese de treze páginas apresenta uma visão global sumariada da corrupção em Angola, identificando as suas várias formas: corrupção pequena e burocrática, corrupção em grande escala, corrupção política e desenvolvimento lento e redes de “patrocínio”. Como consequência, o Presidente José Eduardo dos Santos apelou a uma política de “tolerância zero” contra a corrupção, num discurso ao seu partido, em novembro de 2009 (cujos resultados não foram visíveis), e o Presidente João Lourenço iniciou o seu mandato, em 2017, determinado a combater a corrupção a vários níveis.

⁹ Transparency International é um movimento global que trabalha em mais de 100 países para acabar com a injustiça da corrupção responsável por duas ferramentas de investigação fundamentais para entender e combater a corrupção a nível mundial: o Corruption Perceptions Index (CPI) [Índice de Percepção da Corrupção] elaborado anualmente e o Global Corruption Barometer (GCB) [Barómetro de Corrupção Global]. (<https://www.transparency.org/en/>).

Confirmando o acima exposto, Joana Bárbara Fonseca apresenta a sua visão sobre o governo hegemónico e autoritário de José Eduardo dos Santos em “The Authoritarian Government of Angola learning High-Tech Surveillance” (2017), tentando “expose JES’ authoritarian government, as the visible face of MPLA, and how it uses surveillance and threat to maintain power and create an idea of approval” (Fonseca, 2017, p. 371); por sua vez, e num diagnóstico mais atual, a Freedom House¹⁰, organização que se foca nos direitos políticos e nas liberdades civis em países de todo o mundo, apresenta a sua visão geral de Angola em 2022 e destaca a questão das restrições que se concretizam com a vigilância:

Angola has been ruled by the same party since independence, and authorities have systematically repressed political dissent. Corruption, due process violations, and abuses by security forces remain common. An initial easing of some restrictions on the press and civil society, following President João Lourenço’s election in 2017, has been backtracked and challenges persist. (Freedom House, 2022)

Estas constatações confirmam uma análise vinda a público nos anos 90, feita por Edward Said, que salientava que os governos africanos pós-independência “tenderam a substituir a força colonial por uma nova força de tipo classista, em última análise exploradora, que reproduzia as velhas estruturas coloniais em novos termos” (Said, 1995, p. 282).

Refletindo sobre a representação da corrupção em obras de Mia Couto e Pepetela, também Ana Maria Frade explica, em *A Corrupção no Estado Pós-colonial em África. Duas Visões Literárias* (2007), que

a independência, que prometia melhores condições de vida para o povo colonizado, traduziu-se numa longa guerra civil motivada pelo egoísmo de alguns, pela ânsia de poder e de riqueza, ainda que por meios ilícitos, de outros. A falta de transparência de uma Administração Pública, que perdeu os seus quadros mais qualificados, a fome e a miséria favoreceram a corrupção. (...) As elites recicladas não abdicaram de continuar a enriquecer de forma ilícita. Só o povo continua a sofrer, esquecido. (Frade, 2007, p. 14)

O período pós-colonial, marcado por promessas de melhores condições de vida, enceta em Angola uma época de decadência e desilusão (distópica) em que a esperança ambicionada pelo povo é desfeita por um conflito armado. Este período foi ainda marcado pelo desaparecimento dos ideais revolucionários propagandeados pelo Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) que foram substituídos por um “colonialismo do poder”, nepotismo, corrupção, jogos de poder e tráfico de influências espelhados, quer em trabalhos de autores

¹⁰. Freedom House produz investigação e relatórios sobre uma série de questões temáticas relacionadas com a democracia, os direitos políticos e as liberdades civis. Ver em <https://freedomhouse.org/about-us>.

angolanos, quer discretamente na imprensa nacional angolana e explicitamente na imprensa internacional.

Esta realidade vem provar que a narrativa ficcional tem sido usada como instrumento de resistência e de crítica aos vícios da sociedade, facto que Fernanda de Castro identifica no artigo “A Ironia e a distopia em *O Cão e os Caluandas*, de Pepetela e *O Último Voo do Flamingo*, de Mia Couto” (Castro, 2012) (onde também reflete sobre a realidade moçambicana), destacando a importância da ficção ao afirmar:

A literatura facultou aos intelectuais a possibilidade de utilizarem a língua portuguesa miscigenada com a língua nativa como instrumento de intervenção crítica e política na sociedade (Laban, 1991: 815), denunciando e desmascarando a corrupção que move a sociedade decadente pós-colonial (Frade, 2007: 42). Por conseguinte, a literatura pós-colonial reflete o descontentamento das elites intelectuais perante a situação política e apocalíptica dos seus países, na medida em que o governo, muitas vezes dominado por elites corruptas e oligárquicas, não contribuiu para o desenvolvimento e para a verdadeira libertação colonial. (Ribeiro, 2004: 17) (Castro, 2012, p. 79)

A mistura explosiva aqui declarada vem igualmente exposta em *Diamantes de Sangue. Corrupção e Tortura em Angola* (2011), do jornalista e ativista angolano dos direitos humanos Rafael Marques que aí denuncia e divulga os esquemas e as teias de corrupção que envolvem as mais altas esferas do poder em Angola, nomeadamente a família de José Eduardo dos Santos, e empresas e entidades estrangeiras com negócios ligados aos recursos naturais; alerta também para a violação dos direitos humanos, no que concerne as populações próximas das minas de diamantes, mantidas em condições de quase escravatura, sujeitas a tortura e morte com a conivência das forças policiais. Marques salienta que muitos dos envolvidos na exploração dos diamantes são personalidades com cargos de elevada importância na sociedade e “altos dirigentes angolanos, açoitados pela Presidência da República, os quais enriquecem de forma ilícita e violenta, em conluio com empresas extrativas e de compra de diamantes” (Marques, 2011, p. 215). O autor refere outros tipos de violência, como mortes e mutilações de corpos de mulheres, supostamente para extração de partes para utilização em práticas de magia negra (2011 pp. 14-18).

Na Introdução a *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida* (2014), Evando Nascimento destaca a importância da ligação do texto narrativo à democracia:

A potência da literatura, enquanto instituição ligada às modernas democracias, com o poder praticamente infinito de dizer tudo, consiste em encenar [...] [o] desejo de justiça, ali mesmo onde até a mais simples direita falta [...]. Um poder literário que configura mais um despoder,

o poder de dizer o não dito, em reserva, de trazer à discussão temas pouco ou maltratados pela mídia, pela filosofia, pela história e por outras ciências humanas. O empenho literário, verdadeiro penhor para poder dizer tudo e, paradoxalmente, também poder silenciar. (Nascimento, 2014, pp. 25-26)

Por sua vez, Pierre Bourdieu afirma que

o encanto da obra literária deve-se sem dúvida, em grande parte, a que fale das coisas mais sérias sem pedir, à diferença da ciência, segundo Searle, para ser levada completamente a sério. A escrita oferece ao próprio autor e ao seu leitor a possibilidade de uma compreensão denegatória, que não é uma compreensão pela metade. (Bourdieu, 1996, p. 49)

É seguindo as perspectivas destes autores que será feita a abordagem das narrativas alvo de análise, pois entende-se serem exemplos de um espaço público de resistência e denúncia (e, logo, de inconformismo) da realidade político-social atual angolana.

3. Uanhenga Xitu – *O Ministro* (1990)¹¹

Uanhenga Xitu, escritor, “soba”,¹² contador de estórias e um dos mais interessantes autores angolanos, tem pouco reconhecimento nacional e internacional. José Carlos Venâncio, refletindo sobre o autor e o seu percurso público no texto “Uanhenga Xitu: O Homem, o Político e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação em Angola” (1991), destaca a astúcia, perspicácia e consenso que caracterizaram a sua ação diplomática, revelando que

Xitu tem sabido jogar inteligentemente com os aspectos positivos (positivos no sentido de reverterem a seu favor) dos dois mundos culturais a que pertence. Transportou para o seu discurso político no mundo moderno, mesmo o da cena diplomática, a retórica dos mais velhos, dos anciãos das sociedades tradicionais. Com apoio de tal retórica e com o culto da imagem do *mais-velho*, que ele tão bem sabe representar, tem granjeado um status a nível da política interna que lhe tem permitido a tomada de algumas posições que, contrariando muitas vezes os ditames dos órgãos superiores do seu partido/movimento, não se tem traduzido de forma forçosamente negativa para a sua carreira (Venâncio, 1991, p. 222).

Autor de várias obras, Uanhenga Xitu projeta-se como homem solidário e interessado nas necessidades dos outros. *O Ministro* (1990) é uma crónica/sátira social, uma obra de “nota autobiográfica acentuada” (Venâncio, 1991, p. 220) em que o autor apresenta as suas “memórias ‘apóstumas’” (Xitu, 1990, p. 74), afirmando que “nada mais fiz que colecionar e transmitir num livro os desabafos, as vozes, os gritos, as opiniões, os discursos de um público

¹¹ Escrito em 1989 e publicado em 1990.

¹² Chefe da aldeia, “mais velho”.

sem audiência e sem auditório, e sem tribuna, e sem expressão oficial e oficiosa” (Xitu, 1990, p. 34). A corrupção (“o saque desenfreado e protegido que camufladamente se fazia do erário público”, Xitu, 1990, p. 40) a ganância, o nepotismo (Xitu, 1990), a desigualdade social atravessam a obra; destaca-se o texto “Puema,” publicado na *Revista Angolense* em dezembro de 1976, caracterizado como poesia panfletária (Xitu, 1990 e integralmente reproduzido nesta obra (Xitu, 1990), que “deu grito entre o público [...] deu barraca” (Xitu, 1990, p. 34) e lhe trouxe alguns dissabores, nomeadamente no seio do MPLA .

Consciente das limitações à vida pessoal que surgem com a ocupação de um cargo público, a falta de “liberdade de movimentação” e a perda de “muitos amigos, e a amizade e simpatia de muitos familiares” (Xitu, 1990, pp. 275-276), Xitu utiliza a sabedoria de “mais velho” nas tarefas e ações do quotidiano. *O Ministro* apresenta as memórias das suas vivências antes e depois da independência como membro e dirigente do MPLA, com “ todo um considerar de situações e percursos do MPLA” (Xitu, 1990, p. 335) como ministro da saúde, criticando os “que se desviam, e fazem desviar outros, do caminho da utopia” (Xitu, 1990, p. 337), o roubo da alimentação dos doentes nos hospitais “por empregados desonestos, enquanto os doentes reclamavam da fome e denunciavam [a situação]” (Xitu, 1990, pp. 46-47), o desvio de fundos da saúde para outras áreas, a corrupção e falta de recursos nos hospitais (Xitu, 1990).

As falhas apontadas por Xitu, no início do período da independência angolana, prendem-se com o facto “de não terem criado as condições para o diálogo claro, aberto, esclarecedor, sabendo esclarecer, ser esclarecido e paciente” (Xitu, 1990, p. 71), a que se acrescenta as rivalidades que surgem, porque alguns querem destacar-se no poder: “Há os que nasceram pensando ser os melhores em todos os momentos, ocasiões e circunstâncias da revolução. A sua ideia tem que prevalecer, mesmo que só para si invoque o centralismo democrático, descentralizando todos os outros” (Xitu, 1990, p. 71). Daqui se conclui que, segundo Xitu, o direito a uma cidadania saudável não é igual para todos os angolanos.

A obra revela um profundo conhecimento do MPLA, da máquina do poder em Angola no pré e pós-independência, das intrigas, intimidações e problemas sociais como a fome, o impacto da guerra civil na população, o racismo, com um capítulo dedicado à reflexão sobre o tema. Destacam-se as referências à sua amizade com o primeiro presidente angolano, Agostinho Neto, que Xitu considera um homem correto, ponderado e honrado, empenhado numa transição pacífica e conciliadora, que ia de encontro à sua própria “preocupação [...] em busca de paz e concórdia entre irmãos” (Xitu, 1990, p. 77).

4. Pepetela - *O Desejo de Kianda* (1995) e *Sua Excelência, de Corpo Presente* (2018)

Pepetela, ex-guerrilheiro do MPLA e ex-vice-ministro da Educação, é uma das mais destacadas vozes da literatura angolana contemporânea. Várias das suas obras patenteiam um olhar crítico sobre a situação política e social em Angola após a independência como, por exemplo, *Crónicas Maldispostas*¹³ (2015), *O Cão e os Caluandas* (1985) e *a Geração da Utopia* (1992); no entanto, esse seu olhar crítico é mais incisivo em *O desejo de Kianda* (1995) e *Sua Excelência, de Corpo Presente* (2018), obras que, além disso, são registo de dois momentos distintos da história recente de Angola.

Em *O Desejo de Kianda* (1995), o narrador apresenta uma análise profunda do contexto social da cidade de Luanda, no início dos anos noventa (1992), demonstrando que os princípios revolucionários de luta pela independência estão esquecidos e foram substituídos pela corrupção, ganância e conseqüente afastamento dos valores promovidos pelo partido durante a oposição à administração colonial portuguesa.

No início da obra, o leitor é confrontado com o desvio de verbas públicas para atividades/eventos privados, durante o casamento do casal Carmina e João: Carmina “era membro destacado da Jota [...]. Era um candidato antecipadamente vitorioso a membro do Comité Central [...]. Por estas razões a Jota investiu no casamento. Foram feitas requisições às empresas estatais [...] E a noiva ainda arranhou uma missão fictícia a Roma, paga evidentemente pelo Estado, para comprar o enxoval” (Pepetela, 1995, pp. 12-13). Carmina, ex-militante do MPLA, explica as formas de enriquecer e quem é que deve ter prioridade em beneficiar dos negócios – “já que há negócio, que seja para camaradas que sempre foram firmes [...] E daqui a umas semanas, centenas de miles na conta que abri em Sugaland, o novo paraíso fiscal” (Pepetela, 1995, pp. 57-58). O falhanço do novo estado está também associado ao facto de que a sociedade angolana em crise esquece as crenças e valores tradicionais, o respeito pelos mais velhos; na obra, são os mais velhos – Mateus e o cego Kalumbo – os que não cederam à corrupção. A continuação da crença do mito de Kianda¹⁴ é indicação de que a tradição cultural continua presente no imaginário angolano. Kianda resiste e faz por recuperar o seu espaço, a sua lagoa, por isso canta e os prédios caem, sem causar vítimas.

¹³ Esta obra é composta por uma seleção de crónicas publicadas na revista angolana *África 21* entre março de 2007 e agosto de 2015.

¹⁴ Kianda, divindade do mar, sereia da lagoa da capital angolana, integra o imaginário e a história dos habitantes de Luanda e do povo angolano. Carmen Tindó Secco (2003) explica que “o culto às ianda (plural de Kianda, divindade do mar) sempre existiu [...] sendo uma prova de resistência do imaginário mítico africano” (Secco, 2003, p. 56). As crenças em torno de Kianda, do seu poder e do alcance da sua ira levam a que seja homenageada e que lhe sejam feitas oferendas, especialmente pelos pescadores e povos que vivem na zona da lagoa de Luanda. De referir que a Kianda surge em obras dos angolanos Duarte de Carvalho (antropologia), Luandino Vieira (ficção), Arnaldo Santos (ficção) e Manuel Rui (ficção).

Na obra *Sua Excelência, de Corpo Presente* (2018), Pepetela retrata a realidade de muitos países africanos onde líderes políticos se perpetuam no poder, alimentando dinastias familiares e políticas. Apesar de não haver referência explícita a Angola, há situações que permitem estabelecer um paralelo e colocar a ação da narrativa na capital angolana, já que dialoga com a história recente deste país africano: a utilização da expressão “sua excelência” usada e abusada em Angola em tempos recentes; a existência de um ex-presidente que se manteve no poder sem eleições democráticas de 1979 a 2018; a situação familiar do líder/morto com dois casamentos e dez filhos de várias mulheres, todos reconhecidos; o nome que o morto dá à primeira dama, Palanca Negra, animal endêmico de Angola, considerado símbolo nacional e designação da seleção nacional de futebol.

Mas são outras situações mais graves narradas pelo morto, num estilo sarcástico e com humor inteligente, bem ao gosto de Pepetela, que situam a ação em território angolano: a corrupção (“sempre se arranjam depois uns juizes do Tribunal Constitucional que interpretam os direitos como nos interessa, para isso são nomeados”, Pepetela, 2018, p. 127), o nepotismo (“insinuando um certo nepotismo na nomeação de um sobrinho meu para gestor de uma empresa estatal de média categoria”, Pepetela, 2018, p. 163), os jogos de poder e de influência, a violação dos direitos humanos, a cultura de impunidade para os infratores, a manipulação do poder, a ganância, o enriquecimento ilícito, a apropriação de recursos naturais, com a “determinação presidencial que concedeu ao [filho] Nhonho o direito sobre a mina de Malanza”¹⁵ (Pepetela, 2018, p. 102).

A obra destaca a situação crítica de lideranças africanas, através da viagem pela vida do ditador¹⁶ presidente morto, narrada pelo próprio, enquanto aguarda o funeral de estado. O falecido presidente deitado no caixão, mas na posse das suas faculdades intelectuais, recorda peripécias da sua vida, apresentando o quadro político e social de um país africano e reflete sobre a especificidade do seu regime (autocrático), do progresso, das conspirações “[que] não se fazem nem com pressa nem com tipos verdes” (Pepetela, 2018, p. 95), dos grandes negócios, do desenrascanço, da corrupção (infraestruturas – “estradas mal asfaltadas ou pontes que caíam à primeira passagem de um camião pesado”, Pepetela, 2018, p. 103), nos tribunais (“Sempre se

¹⁵ Isabel dos Santos, filha do ex-presidente José Eduardo dos Santos, detinha licenças das minas de diamantes e de exploração de petróleo angolanos.

¹⁶ Remete-se aqui para o “dictator novel”, narrativas que abordam ditaduras políticas e os seus efeitos na sociedade: The dictator novel has become a space in which writers consider the difficulties of national consolidation, explore the role of external and global forces in sustaining dictatorship, and even interrogate the political functions of writing itself. Literary representations of the dictator, therefore, provide ground for a self-conscious and self-critical theorization of the relationship between writing and politics itself (Armillas-Tiseyra, 2019).

arranjam depois uns juizes do Tribunal Constitucional que interpretam os direitos como nos interessa, para isso são nomeados”, e “mandei indirectamente um recado aos juizes, deem razão ao desgraçado”, Pepetela, 2018, pp. 127, 158), da falta de transparência (“como se usássemos de transparência total nos negócios e métodos de governo”, Pepetela, 2018, p. 103), da violência, das violações dos direitos humanos (“Os inimigos roeram as unhas e as pontas dos dedos, alguns foram mesmo forçados a roer as mãos e ficaram mutilados como se uma granada ofensiva lhes estoirasse nas patas. Nunca mais poderiam assinar uma ordem ou disparar uma pistola. No caso de conseguirem sair da prisão, o que alguns fizeram, mas dentro de uma caixa”; “jovens presos por se manifestarem”, Pepetela, 2018, pp. 105, 125), mas também os comentários tecidos sobre aspetos pessoais, como o seu percurso de simples militar até ao palácio presidencial, o casamento, a poligamia e os múltiplos filhos que foi tendo e reconhecendo, sinal da sua virilidade.

A honestidade num membro do governo é descrita como acontecimento raro e, quando existe, é vista como uma ameaça para os restantes: “O problema com malta que recusa entrar em negócios fedorentos e foge de qualquer gasosa ou prenda, mesmo modesta, não são os próprios demónios interiores que todos temos, são os exteriores. A maka são os colegas que sentem como insulto uma comparação depreciativa ouvida num corredor” (Pepetela, 2018, p. 109).

A falta de democracia é visível no controlo dos meios de comunicação social pelo aparelho do Estado: “O meu discurso recebeu grandes elogios nos órgãos de comunicação do Estado, únicos que podem funcionar regularmente num país de democracia avançada como a nossa, pois os independentes são pasquins” (Pepetela, 2018, p. 115).

No entanto, a partir da sua condição de morto e da doença que determinou o fim da sua vida, há a constatação de que áreas fundamentais, como a educação e a saúde, não foram consideradas prioritárias, estando atrás da criação de um “exército poderoso”, “serviços de segurança” e “novas tecnologias de espionagem e contraespionagem”:

Raio de doença traiçoeira. Em vida deveria ter ajudado a erradicá-la do país. Quando o ministro da Saúde vinha pedir reforço de verbas porque o orçamento era estreito para tanta praga e epidemia, sempre ultrapassado por outros serviços geridos por mais poderosos, eu lhe dizia para patientar, um dia chegará a vez da saúde, como também da educação, mas isso é só no futuro, quando tivermos criado uma burguesia nacional bem forte, capaz de administrar as riquezas que vão sonogando ao tesouro público, e quando tivermos um exército poderoso, que faça estremecer de medo os vizinhos e nos dê estabilidade total. (Pepetela, 2018, pp. 72-73)

Fonseca (2017) confirma esta situação enunciada pelo ditador morto ao afirmar que “Angola’s education system is miserable, but not more than the health system, which is in complete failure, short on professionals, medical material and knowledge” (Fonseca, 2017, p. 372).

O próprio morto elenca os crimes perpetrados pela sua administração, quando relata as conversas a sós com o espião-de-um-olho-só, o seu homem de confiança:

Aproveitava a ocasião para me pôr ao corrente dos acontecimentos essenciais e das intrigas da corte, dos desfalques na administração feitos por gente importante, das transferências ilícitas de capitais tóxicos para os paraísos fiscais, dos crimes de sangue por amor ou desamor, das violações de crianças por algum juiz do tribunal de menores, da última condenação de um qualquer fórum dos direitos humanos sobre a maneira como tratávamos os presos políticos ou os animais que iam para abate, dos ilícitos negócios dos meus filhos e filhas e outros aparentados. (Pepetela, 2018, pp. 202-203)

5. Ondjaki - *Os Transparentes* (2012)

Em *Os Transparentes*, obra que funciona como uma crónica contemporânea da capital angolana, em que a ganância, a corrupção, os oportunismos, os comportamentos parasitários levam ao vazio identitário, Ondjaki expõe igualmente uma população que luta diariamente pela sobrevivência, enquanto as elites gozam os luxos e inventam formas de enriquecer ainda mais. Esta sua intenção é reiterada em “Que fazer enquanto Luanda arde?” (Ribeiro, 2012), conversa/análise conduzida por Raquel Ribeiro sobre a obra aqui em análise, e na qual o escritor afirma: “Quero questionar que rumo queremos, todos, cidadãos de Luanda, para aquela cidade. Não só rumo político e social, mas também do ponto de vista da ecologia, da arquitectura, do espaço público” (Ondjaki *apud* Ribeiro 2012).

A obra *Os Transparentes* cobre os últimos anos da presidência de José Eduardo dos Santos à frente de Angola e do MPLA e retrata a capital angolana a ser esventrada por diversos tipos de corrupção em que se destaca o interesse em escavar por baixo da cidade para extrair petróleo, mas também para colocar os canos da água potável e controlar o respetivo abastecimento, um negócio do futuro, considerando os milhões de habitantes de Luanda a precisar deste líquido essencial:

a extração de petróleo vai avançar, disso já ninguém duvida. mas o Chefe está muito preocupado...

as bocas da oposição, e as próprias preocupações do Presidente ...

- a cidade capital é de todos nós...e vamos avançar

[...]

- as tubagens. O transporte tanto do petróleo, como da água.

[...] depois das escavações, vocês orientam-se com o petróleo. eu quero é a água

[...]

- eu só quero transportar a água. Toda a canalização de Luanda! Privatizada, barata a funcionar em condições

[...]

Não podemos correr o risco de essa canalização ser pública! Não se esqueça, quem determinar o preço do transporte da água, determina o preço da água... (Ondjaki, 2012, pp. 191-192)

Na obra, surgem ficcionadas especificidades do regime angolano, dos esquemas e negócios de sobrevivência e corrupção – nomeadamente em torno da exploração de petróleo, em que se cruzam interesses estrangeiros, corrupção e nepotismo – que perpassam, transversalmente, toda a sociedade e deixam cada vez mais “invisíveis” e despossuídos os cidadãos comuns, “os transparentes”.

A morte da senhora ideologia surge como uma metáfora para a situação angolana – com velórios, missas, presença do presidente e compensações monetárias (Ondjaki, 2012, pp. 330-331) – assunto rapidamente silenciado e esquecido, só enunciado na “enorme manchete no Jornal De Angola «faleceu, oficialmente, a senhora Ideologia»” (Ondjaki, 2012, p. 331). Nesta obra, segundo Ribeiro, “Ondjaki abraça a desconstrução moral de Luanda, filha da globalização, mas também das relações de poder” (Ribeiro, 2012, p. 22), uma Luanda, com lixo a descoberto, onde nada funciona, especialmente na periferia¹⁷. A cidade arde... porque brincam com o fogo. Pergunta o autor: “Com que fogo é que estamos a brincar? Podemos estar a brincar com a paciência, com a dignidade das pessoas. Só o tempo o dirá. Não se pode brincar assim como se não houvesse consequências. Acredito que ou a natureza ou a cidade se encarregará de resolver as coisas” (Ondjaki *apud* Ribeiro, 2012, p. 22)¹⁸.

6. Reflexões Finais

Para Fernanda de Castro, “é na produção escrita dos autores que o imaginário assume a tarefa de criticar a ordem existente: uma sociedade pós-colonial corrupta e repleta de vícios,

¹⁷ Já em *O Cão e os Caluandas* (1985), Pepetela descreve Luanda como “uma Babilónia ingovernável, uma Torre de Babel. Os esgotos não funcionam, as ruas parecem queijos, as árvores imitam as ovelhas da Europa, tosquiadas rentes, os ratos confundem-se com coelhos, os passeios sujos, os prédios a feder de podres, a luz elétrica sempre com falhas, os jardins mortos” (Pepetela, 1985, p. 32-33).

¹⁸ Outras obras publicadas pelos autores aqui em análise e por Manuel Rui (por exemplo, *Quem me dera ser onda*, 1982), referem a necessidade da capital angolana se reinventar, dado que é um espaço urbano densamente ocupado, sem oferecer condições dignas de habitação aos seus cerca de 5 a 6 milhões de habitantes, consequência da guerra civil e do êxodo rural que levou os deslocados para esta cidade à procura de segurança e sobrevivência.

que vive apenas de acordo com os princípios económicos e políticos” (Castro, 2012, p. 80). De acordo com a autora, as narrativas aqui analisadas, podem ser consideradas “textos de autoreflexividade e de crítica perante uma ordem social real não desejada. [...] [que] ironizam, tecendo críticas à situação social, económica e política, em que as marcas de guerras fratricidas, da miséria, da distopia se imprimem nos interstícios dos textos” (Castro, 2012, p. 82).

Adérito Miguel (2016) constata que “o impacto da corrupção na efetivação dos direitos sociais em Angola é notório”, tendo em conta o prejuízo em termos de serviços sociais, tais como, educação e saúde, “aumentando a mortalidade infantil e reduzindo a expectativa de vida, funcionando assim como uma espécie de imposto, já que, famílias pobres gastam três vezes mais para terem acesso aos serviços sociais do que famílias com poder aquisitivo mais alto” (Miguel, 2016, p. 103). Miguel reforça que as instituições do Estado democrático de direito, consagradas constitucionalmente, devem optar por um combate efetivo, promovendo a implementação de um nível mais elevado de justiça social, garantido uma existência digna a todos:

Os reflexos da imoralidade administrativa chegam a ser bastante evidentes nos casos de desvio de recursos públicos, levando seus atores a tratarem o público como se fosse privado. [...]. E nesse aspeto, entende-se que um dos grandes dilemas em volta da corrupção está em não tratá-la como um delito de altíssima gravidade por inexistir violência direta, e pelos seus efeitos serem coletivos e difusos. Isto é, há uma falta de perceção imediata da nocividade da corrupção para o Estado democrático de direito. (Miguel, 2016, p. 103)

A existência de uma opinião pública pouco significativa ou mal-organizada, que não tem a capacidade de funcionar como obstáculo à falta de ética e responsabilidade dos órgãos do governo, ou que é alvo de silenciamento, facilita as prevaricações de ordem diversa que são identificadas nas obras aqui analisadas. Angola viu, em poucos anos, a sua situação política e sociocultural ser alterada: de jovem nação independente, crente nos valores da revolução, transmutou-se para um governo com partido único, com um presidente que se manteve no poder quase 40 anos, com a consequente situação social a degradar-se devido à guerra civil, deslocados, migrações internas e corrupção exaustiva. Nos últimos 3 ou 4 anos, com um novo presidente a tomar as rédeas do poder e a prometer combater o desgaste do país e a melhorar as condições de vida da população, tem havido mutações políticas e culturais em Angola, assistindo-se a uma tentativa de reorganização do regime, com a “luta contra a corrupção” a

aparecer no discurso político de João Lourenço que elegeu essa ação como bandeira do seu mandato.¹⁹

Os textos referenciados de Uanhenga Xitu, Pepetela e Ondjaki são contributos para a mudança de mentalidades, pois alertam para a necessidade do exercício de uma cidadania que combata comportamentos parasitários associados ao novo colonialismo do poder, ao nepotismo, à corrupção, ao desencanto enraizado pelo afastamento dos princípios revolucionários pré e pós-independência.

Está-se perante olhares críticos, de resistência, que refletem a complexidade da realidade pós-colonial em Angola, com a escrita ficcional a ter um papel de consciencialização para a falta de integridade, a impunidade do silenciamento/esquecimento/apagamento dos valores revolucionários que estariam na base das falhas da apregoada democracia pós-independência e levaram à fragmentação do “eu” angolano.

Os três autores aqui em análise desconstroem processos de autoritarismo e corrupção no poder que comprometem a cidadania, demonstrando as condições de injustiça e desigualdade que afetam as populações que habitam os subúrbios da capital angolana, retrato da nação. As suas obras compilam um retrato mordaz do país, promovendo a “descolonização da mente”²⁰, expondo o silêncio historiográfico dos traumas, das cicatrizes que permanecem, desconstruindo a realidade para resgatar a identidade nacional. O texto escrito surge como uma arma de denúncia, em que a voz protegida pela suposta ficção pode partilhar com os leitores os seus anseios e preocupações e apontar as irregularidades e o falhanço do sistema.

Pepetela, expondo uma manifestação que se torna revolta durante o funeral do presidente cujo caixão e corpo acabam abandonados numa lixeira nunca considerada importante durante a governação do falecido, e Ondjaki, apresentando a capital a explodir e em chamas devido às escavações excessivas e desnecessárias, não apontam caminhos para um futuro de paz, de diálogo entre raças e classes e de equilíbrio económico, ou seja, não há indícios de que a cidade, o país, a nação se possa consolidar num ambiente de concórdia, solidariedade e harmonia. Uanhenga Xitu, por sua vez, deixa no ar a possibilidade de que o jovem país se recupere...do passado e do presente.

7. Referências Bibliográficas

¹⁹ Ver “João Lourenço diz que luta contra corrupção vai continuar apesar da “resistência organizada””. In: *Público*, 13/03/2020. Internet. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/03/13/mundo/noticia/joao-lourenco-luta-corrupcao-vai-continuar-apesar-resistencia-organizada-1907589>.

²⁰ “decolonising the mind”: conceito retirado do título da obra *Decolonising the Mind: the Politics of Language in African Literature* (1986), do romancista e teórico pós-colonial queniano Ngũgĩ wa Thiong'o.

Alves, M. T. A. (1997). “*O Desejo de Kianda: crônica e Efabulação*”. *Scripta*, V.1, nº 1, 2º sem. (pp. 237-245).

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10160/8272>.

Amundsen, I. (1999). “Political Corruption: An Introduction to the Issues”. Bergen, Norway: Chr. Michelsen Institute, Development Studies and Human Rights. Retirado de <https://www.cmi.no/publications/file/1040-political-coiTuption.pdf>.

Armillas-Tiseyra, M. (2019). *The Dictator Novel: Writers and Politics in the Global South*. South Northwestern University Press. Retirado de https://www.academia.edu/39946712/The_Dictator_Novel_Writers_and_Politics_in_the_Global_South.

Bourdieu, P. (1996). *As Regras da Arte. Gênese e Estrutura do Campo Literário*. São Paulo: Companhia das Letras.

Castro, F. (2012). “A Ironia e a distopia em *O Cão e os Caluandas*, de Pepetela e *O Último Voo do Flamingo*, de Mia Couto”. *Pensardiverso*. Funchal: Universidade da Madeira, nº 3.(pp. 75-95). Retirado de <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/1742/1/A%20IRONIA%20E%20A%20DISTOPIAFernandaCastro.pdf>.

Chêne, M. (2011). “Overview of corruption and anti-corruption in Angola”. Bergen: U4 Anti-Corruption Resource Centre, Chr. Michelsen Institute (U4 Helpdesk Answer), 2011. Retirado de <https://www.u4.no/publications/overview-of-corruption-and-anti-corruption-in-angola>.

Corruption Perceptions Index 2016. (2016) Retirado de <https://www.transparency.org/en/news/corruption-perceptions-index-2016#>

Corruption Perceptions Index Report 2016. Retirado de https://images.transparencycdn.org/images/2016_CPIReport_EN.pdf.

de Tocqueville, A. *Democracy in America*. The University of Chicago Press, 2000 [1835].

Fonseca, J. B.. (2017). “The Authoritarian Government of Angola learning High-Tech Surveillance”. *Surveillance & Society* 15 3/4 (pp. 371-380). <https://dx.doi.org/10.24908/ss.v15i3/4.6641>.

DR (2007). “Convenção das Nações Unidas contra a Corrupção” (UN 2003). *Diário da República*, 1.ª série — N.º 183 — 21 de set. Retirado de <https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/2007/09/18300/0669706738.PDF>.

Frade, A. M. D. (2007). *A Corrupção no Estado Pós-colonial em África. Duas Visões Literárias*. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. e-book.

Freedom House. (2022). Retirado de <https://freedomhouse.org/country/angola/freedom-world/2022>.

Gonçalves, J. (2017). *Opinião do Dia. Expressão de Liberdade. Crónicas RDP África*. Lisboa: Edições Colibri.

Lusa (2021) “Direitos humanos: Angola deu “passos significativos”, mas “cultura de impunidade” mantém-se, dizem EUA.” *Público*, 30 mar. Retirado de <https://www.publico.pt/2021/03/30/mundo/noticia/direitos-humanos-angola-deu-passos-significativos-cultura-impunidade-mantemse-eua-1956573>.

Lusa (2018). “Escritor angolano Ondjaki considera audiência de Presidente com ativistas é ‘bom sinal’”. *Diário de Notícias*, 04 dezembro. Retirado de <https://www.dn.pt/lusa/escritor-angolano-ondjaki-considera-audiencia-de-presidente-com-ativistas-e-bom-sinal--10274275.html>.

Marques, Rafael (2011). *Diamantes de Sangue. Corrupção e Tortura em Angola*. Lisboa: Tinta-da-China.

Miguel, A. (2016). *Os malefícios da corrupção política na concretização do Estado Democrático de Direito Angolano* (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa Retirado de https://run.unl.pt/bitstream/10362/18479/1/Miguel_2016.pdf.

Nascimento, E. (2014). “Introdução. A Literatura à Demanda do Outro”. In *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Derrida, Jacques. Belo Horizonte: Editora UFMG (pp.7-42). Retirado de <http://www.poscritica.uneb.br/wp-content/uploads/2021/01/DERRIDA-Jacques.-Essa-estranha-institui%C3%A7%C3%A3o-chamada-literatura.pdf>

Ndomba, B. (2023). “Angola: Um ano de ‘opressão’ para os ‘presos políticos’”. *DW*, 10 de jan.. Retirado de <https://www.dw.com/pt-002/angola-um-ano-de-opress%C3%A3o-para-os-presos-pol%C3%ADticos/a-64334362>.

Ondjaki. (2012). *Os transparentes*. Lisboa: Caminho.

Pepetela. (1985). *O Cão e os Caluandas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Pepetela. (1995). *O Desejo de Kianda*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Pepetela. (2003). “Entrevista a Maura Eustáquia de Oliveira. Pepetela: humor e sonho na vida de um contador de histórias.” *Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa*, Leão, Ângela Vaz. Belo Horizonte: PUC Minas.

Pepetela. (2018). *Sua Excelência, de corpo presente*. Lisboa: Leya.

Ribeiro, R. (2012). “Que fazer enquanto Luanda arde?” *Público* (online). 9 nov. Retirado de <https://www.publico.pt/2012/11/09/jornal/que-fazer-enquanto-luanda-arde-25523600>.

Said, E. (1995). *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Secco, C. T. (2003). *A magia das letras africanas: Ensaios escolhidos sobre as literaturas de Angola, Moçambique e alguns outros diálogos*. Rio de Janeiro: ABE Graph Editora e Barroso Produções Editoriais.

Thiong'o, Ngũgĩ wa (1986). *Decolonising the Mind: The Politics of Language in African Literature*. London: James Currey Ltd / Heinemann.

UNDP. (2018). “Conferência Internacional sob o lema ‘O Ministério Público no Combate a Corrupção e a Impunidade’ no âmbito da Semana da Legalidade e do 39º Aniversário da Institucionalização da Procuradoria Geral da República”. Retirado de https://www.undp.org/content/dam/angola/docs/documents/20180423%20RC%20Discurso%20Anti%20Corrupcao_CM.pdf.

Venâncio, J. C. (1991). “Uanhenga Xitu: O Homem, o Político e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação em Angola”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 33, outubro (pp. 217-227). Retirado de <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/33/Jose%20Carlos%20Venancio%20%20Uanhega%20Xitu,%20O%20Homem,%20O%20Politico%20e%20o%20Escritor.pdf>.

Xitu, U. (1990). *O Ministro*. Porto: Edições ASA para a União dos Escritores Angolanos.